

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MARCOS HENRIQUE MARTINS BARBOSA

Para além do instante: sobre a dificuldade de amar na “modernidade líquida” (questões contemporâneas em *Amor líquido*, de Zygmunt Bauman)

2737
3737
S.9
Ubesindia
(v)

MARCOS HENRIQUE MARTINS BARBOSA

Para além do instante: sobre a dificuldade de amar na “modernidade líquida” (questões contemporâneas em *Amor líquido*, de Zygmunt Bauman)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Professora Doutora Jacy Alves Seixas.

**Uberlândia
2008**

MARCOS HENRIQUE MARTINS BARBOSA

Para além do instante: sobre a dificuldade de amar na “modernidade líquida” (questões contemporâneas em *Amor líquido*, de Zygmunt Bauman)

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Jacy Alves de Seixas – Orientadora

Professora Doutora Christina da Silva Roquette Lopreato

Professor Doutor Daniel Barbosa Andrade de Faria

Aos olhares, que sempre me mostraram o que nunca fui.

Aos desencontros, por terem me ensinado da maneira mais crua e humana o que é,
afinal, ser humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Jacy Alves de Seixas por ter me orientado com paciência, dedicação e por ter disponibilizado seu precioso tempo. Jamais esquecerei da sua confiança depositada em mim.

Ao meu querido amigo Rafael Nascimento Deveschio por ter sido o primeiro a sugerir esta temática como objeto de estudo, e pelos inúmeros e impagáveis conselhos e sugestões, dados ao longo destes cinco anos de curso sem ter pedido nada em troca. Suas idéias foram tão importantes na escrita desta monografia, sua paciência foi tão fundamental em ouvir meus hesitantes pensamentos, que talvez este trabalho não tivesse se concretizado sem sua importante ajuda.

À minha família, pelo apoio incondicional e completo ao longo de toda minha vida. Tenho dúvidas se mereço tamanha dedicação e amor.

Aos amigos e colegas que me ajudaram por tanto tempo e em tantos assuntos.

“Liquefar-me-ei
Em felicidade desmedida
Em tristeza contida
Em viver a vida
Hipocrisias”.

RAFAEL NASCIMENTO DEVECHIO

Resumo

A questão das atuais características dos relacionamentos amorosos se mostra uma problemática das mais interessantes, e pretendo refletir de que maneira a “modernidade líquida” (com todos os seus valores e princípios) influencia, para melhor ou para pior, as relações afetivas a partir da obra *Amor líquido*, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. É claro que tal sentimento é influenciado por uma série de fatores, tais como: a) a cultura de uma sociedade ao encarar o amor de uma forma e não de outra, e meu trabalho é voltado para o cenário brasileiro, embora o que se passa aqui seja mais ou menos, o que se passa em qualquer outro país mergulhado na globalização (ou mundialização), com características e particularidades bem próprios de cada um, mas ainda sim, similares a todos os outros países ocidentais; b) a individualidade, tão característica dos tempos modernos, acirrada ao seu máximo no atual contexto líquido moderno, o que ajuda a explicar o comportamento dos indivíduos a lidarem com as dificuldades referentes à afetividade de um modo bastante peculiar se comparado com épocas anteriores a nossa; c) o narcisismo, trazido à tona pela psicanálise e que também ajuda a enriquecer as discussões e busca de soluções para os problemas referentes ao sentimento amoroso vivido pelo indivíduo contemporâneo. O enriquecimento que tal perspectiva de análise pode trazer a esta monografia é motivo mais do que suficiente para ser levada em conta.

Refletir sobre até que ponto o atual cenário das relações afetivas é aceito e reproduzido pelas pessoas, e se elas encaram a fluidez amorosa de maneira positiva ou negativa, assim como os impactos de tais características sobre os sentimentos humanos. O que sente o indivíduo contemporâneo diante da ambivalência de sua vida, de seus anseios e desejos?

Palavras chave: modernidade líquida – relacionamentos líquidos – consumismo – narcisismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

E o sólido se faz líquido.....	12
I.1.... O ato do consumo.....	16

CAPÍTULO II

Sonho sólido/Amor líquido: ambivalência contemporânea.....	23
II.1.... Consumidor do amor: desejo e impulso.....	29
II.2.... O instante do ficar.....	32
II.3.... Um contraponto.....	37

CAPÍTULO III

Sentimentos do mal e cultura do narcisismo: o indivíduo contemporâneo.....	40
III.1... A ascensão do narcisismo.....	45

Conclusão, ou quase	50
----------------------------------	-----------

Referências bibliográficas.....	52
--	-----------

Introdução

A vivência do amor é histórica, por ser uma criação humana e, com isso, passível de alterações, mudanças e permanências. Amar no início do século XXI não quer dizer o mesmo que amar no início do século XX. O que se pede ao amor num relacionamento afetivo contemporâneo, o que se paga por querê-lo e o que se ganha ao consegui-lo são características próprias de cada tempo. As mesmas perguntas feitas para diferentes sujeitos históricos terão diferentes respostas, porque mudar o sujeito histórico significa mudar a própria história. Numa sociedade líquido-moderna “em que as condições sobre as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”¹, e com tantas outras características e particularidades que serão discutidas nesta monografia, que tende a colocar outros valores como prioridades de conquista, tais como: dinheiro, sucesso profissional, beleza, saúde e fama, a realização de tal sentimento amoroso torna-se mais um sonho de consumo a ser desejado em vitrines de lojas, comerciais de Tv.

Quero deixar claro que as características dos relacionamentos afetivos trabalhados aqui dizem respeito especificamente à época histórica atual, chamada *modernidade líquida* e não podem ser transmutadas para outro período histórico que não este. Não acredito na universalidade do amor romântico, como se a capacidade e o modo como se ama fossem os únicos ao longo de toda a história humana:

*Quando falamos da universalidade do amor empregamos “universal” como termo equivalente à “potencialidade partilhável por muitos ou por todos”, sem explicitar que assimilamos o que é opcional ao que é obrigatório. Dizer que todos temos de comer ou de falar é diferente de dizer que todos temos que rezar ou acreditar em discos voadores. A crença na universalidade do sentimento romântico é do tipo das crenças opcionais, não das crenças necessárias.*²

O tema desta monografia é a compreensão das relações afetivas conjugais na modernidade líquida, a partir da obra *Amor Líquido*, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O livro, escrito em 2003, tem como objetivo demonstrar a vivência do amor

¹ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 07.

² COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 15.

conjugal inserido na modernidade líquida. Uma das características dos relacionamentos afetivos de hoje é, segundo Bauman, a paradoxal intenção de estar junto e ao mesmo tempo não estabelecer relações duradouras, gerando essa “misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulado por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos”³. Tal insegurança não pode gerar no indivíduo contemporâneo outro sentimento que não seja o de evitar ao máximo relacionamentos *sólidos* (de longo prazo), em prol da superficialidade e da quantidade dos *líquidos* relacionamentos atuais, já que a simples hipótese de estar com alguém e não poder romper tal vínculo para experimentar outro possivelmente melhor, ou apenas diferente, faz desse tipo de união amiúde dispendioso demais. É claro que existem exceções que precisam ser levadas em consideração, mas se (e somente se) há uma regra geral para relacionamentos numa vida líquida, esses relacionamentos partem do pressuposto de serem, igualmente, líquidos.

Amor líquido nos instiga a refletir sobre até que ponto o mundo em que vivemos e as relações sociais que criamos e reproduzimos, orienta nossas vidas, no sentido de (quase) nos obrigar a seguir determinado caminho em detrimento de outros possíveis. Várias discussões são levantadas diante de tal realidade, e as opiniões suscitadas são as mais diversas. De um lado, aqueles que concordam com o autor sobre o quanto as relações *frouxas* são maléficas para a verdadeira vivência do amor. Do outro lado, temos os que reconhecem nos atuais relacionamentos afetivos uma prova da total liberdade que temos de conhecer nossa sexualidade e sentimentos, ao nos relacionarmos sem compromissos longos e extenuantes que só nos privam de ganhar experiências das mais diversas com os mais diversos parceiros.

Pretendo iniciar meus escritos, no capítulo um, refletindo sobre a realidade social na qual estamos mergulhados, chamado de *Modernidade líquida*, e sobre até que ponto sua influência nos condiciona a adotar uma postura em detrimento de várias outras possíveis. E como esta modernidade seria um acirramento da que a antecedeu (*Modernidade sólida*) achei necessário escrever algumas linhas a seu respeito, procurando fazer um contraponto entre ambas, à busca de rupturas e continuidades em suas características essenciais. Demarcar as características de uma época histórica nunca

³ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.08.

é um trabalho muito simples, porque a própria fronteira entre uma era e outra é disforme demais, imprecisa e não exatamente demarcada.

As características da modernidade líquida, como o consumismo desenfreado, o movimento desmedido e a preocupação histórica com nossa individualidade, tem sua origem numa época que ainda não pode ser chamada necessariamente de *líquida*, embora já houvesse começado ali o trabalho do derretimento dos sólidos: “esse novo momento do capitalismo pode ter sua datação no surto de crescimento do pós-guerra nos Estados Unidos, no fim da década de 1940 e início dos anos cinquenta (...)”⁴

No capítulo dois adentro a questão do sentimento amoroso, evidenciando suas características, possíveis qualidades e defeitos e a maneira como é encarado pelos indivíduos contemporâneos. Para melhor esclarecimento, porém, sem muito aprofundamento, comento o amor da fase *sólida* da modernidade, porque dizer que a contemporaneidade é caracterizada por relacionamentos líquidos faz sentido, mas não tanto, porque numa modernidade líquida, por exemplo, não encontramos apenas características que confirmam o uso de tal conceito. Há características da modernidade sólida na líquida e vice-versa, assim como o amor líquido não começou na modernidade líquida e o amor sólido ainda não acabou. Voltando para o problema da contemporaneidade, no capítulo três, escolhi algumas “configurações sócio-afetivas” (*Ansart*) para trabalhar, pois o amor é um sentimento que está associado a vários outros, e é importante dar atenção a eles, pois, querendo ou não, um influencia o outro, e não dá para falar do sentimento amoroso sem mencionar, por exemplo, o sentimento de insegurança, medo, impotência, apatia e também da postura narcísica bastante evidente na atualidade. Todo esse mal-estar sentimental merece especial atenção, porque explica (ou pelo menos tenta) o comportamento desmedido, fluido e (in) sensível em relação ao outro, e nos remete a pensar sobre até que ponto tais sentimentos são a causa ou consequência daquilo que a modernidade tanto se vangloria de nos oferecer: o ir e vir desmedido.

Utilizo-me de várias citações neste trabalho porque, como bem disse Todorov, “quero que o leitor possa tudo julgar por si mesmo e, portanto, na medida do possível, tento pôr em suas mãos o conjunto do material usado (...)”, e também proponho mais perguntas do que respostas, porque “prefiro buscar a verdade do que possuí-la”.

⁴ JAMESON, Fredric.; E. Ann Kaplan (Org.). **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 27.

Capítulo 1

E o sólido se faz líquido

*A vida é tão leve. É como um contorno que nunca podemos preencher ou corrigir para melhorá-la. É assustador.*⁵
Milan Kundera. *A insustentável leveza do ser*

Pergunte para uma pessoa acima dos sessenta anos, sobre quais as principais diferenças entre o contexto atual e o de cinquenta anos atrás, e vejamos o que ela responderá. Já perguntei isso para meus avós, e para os amigos deles, e uma expressão constante em todos é a seguinte: “não há mais tempo”, ou, “as pessoas estão numa correria jamais vista”.

A modernidade líquida é a história da intensificação do tempo, sua negação e descarte. É a capacidade do indivíduo de ir e vir e estar em praticamente todos os lugares, desde que com as ferramentas certas (com um celular numa mão, e um cartão de crédito com um generoso limite na outra já é suficiente para você controlar qualquer tipo de ação em qualquer ponto do mundo). E o impressionante, para não dizer angustiante, é sua velocidade de operação associada com a decadência de tudo aquilo referente à idéia de longo prazo. Tudo tem de ser pensado no agora, e qualquer impedimento de fluir de um espaço para outro numa velocidade tão grande que a própria noção de espaço e tempo precise ser repensada, é imediatamente refutada, ridicularizada e desprezada.

Tente imaginar-se dentro de um carro em alta velocidade, numa noite nublada, com os faróis semi-acessos e com o sistema de freios completamente comprometido. Você ficaria com medo? Angustiado? Pensaria em pular do carro, mas como? Pensaria em mudar o carro de direção, mas e se o veículo estiver na direção correta? Como saber? Enfim, como escapar disso? É mais ou menos assim que nós, indivíduos vivendo em um mundo percebido como além de nosso controle, nos sentimos ao perceber a facilidade com que tudo que conseguimos durante uma vida pode se desfazer em questão de semanas, para não dizer dias.

⁵ KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Cia das Letras., 2000. Frase dita pelo personagem Tomas (Daniel Day-Lewis) no filme produzido a partir deste livro.

Mas como chegamos a tal processo? Ou melhor: como começamos? Ou ainda: por que começamos? Uma das respostas quem pode nos dar é o próprio projeto moderno que queria

'derreter os sólidos' (...) [referindo-se] ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições (...). Se o 'espírito' era 'moderno', ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da 'mão morta' de sua própria história — e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos, isto é (...), dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune ao seu fluxo⁶.

Derreter os sólidos e fazê-los líquidos é a aposta do espírito moderno. Então, era uma escolha “profanar o sagrado” ou “destronar o passado”, e também uma consequência; um preço a ser pago; uma necessidade que se fazia fundamental para o prosseguimento e conclusão do projeto moderno. O aniquilamento das crenças e costumes do passado, e a profanação do sagrado, abriu caminho para que a economia capitalista e a “racionalidade instrumental” circulassem livremente e em praticamente todas as relações sociais:

O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais 'sólida' que as ordens que substituiu, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica⁷.

Vemos que o ato de acabar com os costumes tradicionais, ou seja, “derreter os sólidos” e transformá-los em “líquidos” não quer dizer uma transformação da modernidade, mas sim, o seu melhoramento. Uma modernidade líquida não seria outra coisa que uma modernidade sólida “perfeita”, porque o que se pretende com a modernidade é produzir “novos e aperfeiçoados sólidos”, substituindo os antigos e imperfeitos sólidos herdados do passado e que, teimosamente, insistem em permanecerem no presente. O derretimento dos sólidos não significa sua extinção e

⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 09

⁷ Ibid., p. 10

substituição por uma modernidade livre deles e sob uma nova ordem e estrutura, que seria a líquida, mas apenas o aperfeiçoamento daquilo que já existia. Daí a dificuldade em se falar de “pós-modernidade” ou “segunda-modernidade”, porque o que vivemos é uma modernidade sólida “melhorada”, e não uma outra modernidade completamente nova e com uma lógica de funcionamento extrínseca à anterior. A lógica continua a mesma: tornar o mundo administrável e previsível graças à criação de sólidos (não líquidos) duradouros e perfeitos:

Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, [grifo do autor] solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.⁸

E para os sólidos serem duradouros seria preciso um componente essencial, digamos, a base de toda sua sustentação: a flexibilidade. Este termo se tornou praticamente um mantra na modernidade líquida, capitalista e essencialmente consumista, que é a *nossa* modernidade. Empresas precisam ser *flexíveis* para melhor se adaptarem a diferentes mercados; os governos democráticos precisam ser *flexíveis* em relação à sua política externa, interna e em tantas outras agendas de estado; os indivíduos precisam ser *flexíveis* na interação social, para não serem taxados de arrogantes, prepotentes ou irredutíveis. Enfim, se for listar tudo aquilo que é ou precisa ser flexível, dará para escrever volumosas páginas sobre tal conceito.

Mas qual o problema em ser flexível? É crime? Está escrito na bíblia ou em qualquer outro documento religioso que não podemos ser flexíveis? A questão não é essa, mas sim esta: de que maneira a flexibilidade influi e modifica nossas vidas? E modifica para melhor ou pior? E o que seria melhor ou pior para cada um de nós?

A definição de estar se sentindo bem ou mal, de estar melhor ou pior perpassa, obrigatoriamente, pelos nossos sentimentos. Afinal, a maneira como encaramos o mundo, depende do que estamos sentindo naquele momento. E a flexibilidade influi em nossos sentimentos, na medida em que “causa ansiedade, porque as pessoas não sabem que caminhos seguir, assim como nenhuma precisão de futuro mais ou menos correta”.⁹

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.10

⁹ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record Ed., 1999, p. 09.

Flexibilidade e sustentabilidade não jogam no mesmo time, e “da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento em particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres.”¹⁰

Sennett fala aqui da formação e sustentação de nosso caráter, e a sua corrosão ocorre justamente pela flexibilidade característica do novo capitalismo. Respondendo àquela pergunta que fiz alguns parágrafos atrás: sim, de acordo com Sennett, a flexibilidade influi e modifica nossas vidas na medida em que não permite um amadurecimento dos sentimentos humanos, pois, o frenético ir e vir não dá espaço e tempo para que relações possam se desenvolver e solidificar nosso caráter, ou aquilo que chamamos de “eu mesmo” (*self*).

A maneira como as características da modernidade líquida (relações instantâneas, desprendimento do passado, o ir e vir desmedido, o indivíduo narcísico, cindido, sozinho e desamparado, e tantos outros aspectos que serão desenvolvidos nesta monografia) influi no sujeito contemporâneo são ainda mais amplas, e faz até sentido que sejam. Se das oito horas da manhã até as seis horas da tarde, o sujeito vive, reproduz e se adapta a uma realidade competitiva, baseada no curto-prazo, onde cada um tenta tirar o máximo de si e do outro para ter as melhores vantagens (nem que para isso precise utilizar da corrupção, cada vez mais sistêmica), numa disputa individualista, por que no final da tarde e noite ele pensaria de outra forma, seja saindo com os amigos, paquerando num bar ou apenas observando sua família?

Enfim, “como evitar que as relações familiares sucumbam ao comportamento a curto-prazo, ao espírito da reunião, e à fraqueza da lealdade e do compromisso mútuo que assinalam o moderno local de trabalho?”¹¹

Não dá para blindar nossos sentimentos de tudo aquilo que vivenciamos no dia-a-dia, e não dá sequer para blindarmos nós mesmos ou nossas famílias e amigos próximos, e o que aconteceu durante o dia irá influenciar fatalmente no que acontecerá durante a noite, porque não há dois *eus* : um que vai para o trabalho e o outro que brinca com os filhos. O *eu* é único; a subjetividade é única. As máscaras que usamos quando vamos para o espaço público podem ser muitas, mas quem as veste é um só.

¹⁰ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record Ed., 1999, p. 10.

¹¹ *Ibid.*, p. 27.

O ato do consumo

A função primordial do capitalismo (independentemente do seu estágio de desenvolvimento e complexidade) é produzir mercadorias. Mas alguém precisa consumi-las porque o lucro do capitalista depende não apenas da produção dos seus produtos industrializados por uma classe assalariada (via de regra mal-paga), mas sim, da sua venda. Nesse sentido, o consumidor é fundamental para a realização e secularização da ordem capitalista, embora os donos dos meios-de-produção não precisem sentir-se reféns dos consumidores, porque, afinal de contas, precisamos consumir para sobreviver. O que não precisamos é ser consumistas.

Precisamos consumir água, roupas, música, alimentos, mas o que está por trás do ato de consumir? O que há de tão maligno ou perverso em consumir um delicioso refrigerante ou um lindo carro novo?

Não vejo problemas em consumirmos tais produtos e tantos outros. O problema é quando o sentido das nossas vidas se resume no ato de consumir. Comprar um celular para melhor se comunicar com as pessoas, por exemplo, não há problema; trocar de celular de três em três meses, porque os mais novos são melhores e mais atraentes, e se você quiser ser o melhor e o mais atraente precisa ter o que há de melhor no mercado, aí sim temos um problema.

Como acontece com todas as sociedades ocidentais — quando se proclama (...) que o único valor é o dinheiro, o lucro, que o ideal sublime da vida social é o “enriqueça”, podemos conceber que uma sociedade possa continuar a funcionar e a se reproduzir sobre esta única base?¹²

Infelizmente, e não se sabe até quando, é o que está acontecendo, onde nosso valor enquanto ser humano está sendo pautado pela nossa capacidade de consumir. Quanto mais você consumir mais humano será, e mais merecerá o respeito e admiração de todos:

Classe nos Estados Unidos tende a ser interpretada como uma questão de caráter pessoal. Quando um grupo de padeiros diz: “eu sou classe média”, a verdadeira pergunta que está sendo

¹² CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 105.

*respondida não é o quanto alguém é rico, mas como se vê a si mesmo. A resposta é: sou bom o bastante.*¹³

As consequências de tal mentalidade são enormes (e serão melhores esclarecidas ao longo deste trabalho, e mais especificamente no último capítulo), e não apenas para os indivíduos, mas também para o meio-ambiente e para as relações sociais no geral. Imagine a quantidade de aço e vários outros produtos extraídos da natureza para sustentar, por exemplo, uma classe média que troca de carro de ano em ano? É insustentável desde a sua concepção:

*Deveríamos desejar uma sociedade na qual os valores econômicos deixassem de ser centrais (ou únicos) (...). Isso não é apenas necessário para evitar a destruição definitiva do meio-ambiente terrestre, mas também, e sobretudo, para sair da miséria psíquica e moral dos homens contemporâneos.*¹⁴

Outro problema do consumismo é a maneira como ele instiga o ato de consumir, baseado na criação de necessidades a partir do uso e criação de insatisfações. Quando o mercado (leia-se, os grandes investidores e acionistas das multinacionais, espalhadas pelo mundo) cria necessidades, simultaneamente cria-se insatisfações, porque são elas que induzirão o indivíduo a consumir. É criando a insatisfação, por exemplo, de que seu cabelo não está na moda ou não é bonito o suficiente, que irá fazer você comprar a tinta de cabelo X ou o creme Y. É claro que a satisfação não será plena, porque senão o indivíduo pára de consumir e, consequentemente, deixará de dar lucros. Ainda no mesmo exemplo, logo a moda mudará, e a tintura do seu cabelo também, porque você não irá querer ficar defasada em relação às suas amigas, vai? E isso te deixará insatisfeita não deixará? E irá consumir de novo, não vai? Essa é a lógica. Continuaremos consumindo, a satisfação não será plena, e voltemos todos mais uma vez ao shopping. É um círculo vicioso onde um (consumo), se alimenta do outro (insatisfação) e vice-versa.

E o interessante é a ambivalência nisso, porque para consumir o indivíduo precisa estar insatisfeito, mas para produzir ele precisa estar muito bem satisfeito, porque “trabalhadores deprimidos têm pouca produtividade, por isso as empresas se

¹³ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record Ed., 1999, p. 76.

¹⁴ CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 110-111.

preocupam com a humanidade dos trabalhadores”¹⁵. O indivíduo contemporâneo precisa ser, portanto, dependendo da conveniência, feliz/infeliz, satisfeito/insatisfeito, moderado/desmedido, ou seja, temos aqui um indivíduo cindido, dividido entre o bem e o mal. Tal dualidade remete à ambivalência contemporânea, que simplifica o indivíduo de tal forma a exigir dele uma postura impossível de ser concretizada. Querer que um trabalhador, por exemplo, de uma montadora de automóveis que tem a função de fixar a roda no eixo de um carro luxuoso, vá para sua casa no final do dia de ônibus, sem poder usufruir daquilo que ele ajudou a construir e sem entender nada além da função que ele exerce no processo de fabricação, ou seja, sem se identificar com aquilo que está produzindo, sem dar um sentido de importância ao seu trabalho e ainda pedir a ele que se sinta realizado na sua profissão é, no mínimo, constrangedor. Não consigo conceber uma realização e satisfação plena, assim como um caráter e moral formados integralmente no indivíduo, com um contexto desses:

*Um eu maleável, uma colagem de fragmentos em incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências — essas são as condições adequadas à experiência de trabalho de curto-prazo, a instituição flexíveis e ao controle de correr riscos.*¹⁶

E se engana quem acha que o atual estágio do capitalismo propicia maior autonomia ou liberdade para o indivíduo exercer seu poder de ir e vir; de comprar e se desfazer de tudo que esteja em condições de comprar, consumir e descartar:

*A atomização dos indivíduos não significa autonomia. Quando um indivíduo compra um freezer, ou um carro, ele está fazendo o mesmo que fazem 40 milhões de outros indivíduos; não há aqui nem individualidade, nem autonomia; trata-se de uma das mistificações da publicidade contemporânea: “Personalize-se, compre o sabão X”. E eis que milhões de indivíduos se “personalizam” comprando o mesmo sabão.*¹⁷

Com milhões de indivíduos acreditando e reproduzindo tal ilusão de autocontrole sobre seus atos, não fica difícil acreditar na sua (in)capacidade de criticar tal *status quo*. O interessante é que a sociedade consegue fazer autocríticas, mas o mais

¹⁵ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record Ed., 1999, p. 46.

¹⁶ Ibid., p. 159.

¹⁷ CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 114.

interessante não é nem o ato de criticar, mas sim, o seu efeito. E, de acordo com Castoriadis, esta é uma característica bastante peculiar do Ocidente:

Porque no Ocidente somos capazes (...) de denunciar o totalitarismo, o colonialismo, o tráfico de negros ou o extermínio dos índios na América. Mas nunca vi os descendentes dos astecas, os hindus, ou os chineses fazerem uma crítica análoga; e vejo ainda hoje os japoneses negarem as atrocidades que cometeram durante a II Guerra Mundial. Os árabes denunciam (...) a sua colonização pelos europeus imputando-lhes todos os seus males — a miséria, falta de democracia (...) etc. Mas a colonização de certos países árabes pelos europeus durou, na pior das hipóteses, 130 anos: é o caso da Argélia, de 1830 a 1962. Mas estes mesmos árabes foram reduzidos à escravidão e colonizados pelos turcos durante cinco séculos. O domínio turco sobre o Próximo e Médio Oriente começa no século XV e termina em 1918. No entanto, os turcos eram muçulmanos, portanto, os árabes não falam nisso.¹⁸

Mas, como já disse, o importante é o efeito da crítica, e não simplesmente o seu ato, e o que ela faz contemporaneamente? Nada?

A crise da crítica é apenas uma das manifestações da crise geral e profunda da sociedade (...). As vozes discordantes ou dissidentes não são abafadas pela censura ou pelos editores que não ousam publicá-las, elas são abafadas pela comercialização em geral. Para fazer a publicidade de um livro, diz-se logo: “Eis um livro que revoluciona seu campo (...)”. A palavra “revolucionário” (...) tornou-se um slogan publicitário (...). A marginalidade passa a ser algo reivindicado e central, enquanto a subversão é uma curiosidade interessante que completa a harmonia do sistema. A sociedade contemporânea tem uma capacidade terrível de abafar toda a verdade divergente, seja fazendo com que se cale, seja fazendo dela um fenômeno entre outros, comercializado como os outros.¹⁹

Sem querer acabei encontrando um ótimo exemplo que retrata muito bem tudo isso. Eu estava ouvindo música de uma banda norte-americana que gosto muito (Bad Religion) e reparei na letra de uma das músicas (chamada *21st century digital boy*) e me veio à cabeça a idéia: “mas essa música fala sobre tudo aquilo que estudo!”. Sou

¹⁸CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 108-109.

¹⁹ Ibid., p. 100-101.

suspeito para falar sobre a capacidade dessa banda de retratar a realidade social atual (em especial dos Estados Unidos) em suas letras, porque sou um grande fã deles, mas veja se não tenho razão:

*I can't believe it,
Eu não consigo acreditar*

*the way you look sometimes,
Em como você parece às vezes*

*like a trampled flag on a city street,
Como uma bandeira pisoteada na rua de uma cidade*

*oh yeah,
and I don't want it,
E eu não quero*

*the things you're offering me,
As coisas que você está me oferecendo*

*symbolized bar code quick id,
Um código de barra simbolizado, identidade
instantânea*

*oh yeah,
I'm a 21st century digital boy,
Eu sou um garoto digital do século 21*

*I don't know how to live (or read)
Eu não sei como viver (ou ler)*

*but I've got a lot of toys,
Mas eu tenho muitos brinquedos*

*my daddy is lazy middle class intellectual,
Meu pai é um intelectual preguiçoso de classe média*

*my mammy's on valium,
Minha mamãe toma valium*

*so ineffectual,
tão ineficaz*

*ain't life a mystery?
A vida não é um mistério?*

*I can't explain it,
Eu não consigo explicar*

*the things they're saying to me,
As coisas que você está me dizendo*

*going yayayayayayaya,
Falando yayayayayaya*

*oh yeah,
I tried to tell you about no control,
Eu tentei te falar sobre a falta de controle*

*but now I really don't know,
Mas agora eu realmente não sei*

*and then you told me how bad you had to suffer,
E então você me falou o quanto você teve que sofrer*

*is that really all you have to offer?
É só isso que você tem a oferecer?*²⁰

Tudo o que eu escrevi neste capítulo pode ser facilmente resumido nesta música. Ela contém todos os elementos de uma sociedade líquido-moderna: um jovem crítico e irônico, mas sem saber exatamente o que fazer com sua crítica (*but now I really don't know*); um pai *lazy middle class intellectual* e uma mãe depressiva (*my mammy's on valium*); e, claro, as mercadorias que acabam dizendo (ou querendo) sobre quem as consome (*symbolized bar code quick id*), por exemplo, usando a calça da marca Z, significa que você tem atitude; se compra um carro A é porque você tem estilo etc. Enfim, características da nossa personalidade que precisariam, em tese, de anos de formação do nosso caráter podem ser encontrados, ou melhor, comprados, numa certa marca de relógio ou num determinado perfume. Para que gastar uma vida para se tornar uma pessoa corajosa, se sinônimo de coragem é ter *a lot of toys*? E mostrando que o ser humano não se resume a “identidades instantâneas”, eis a melhor pergunta que se poderia fazer: *Is that really all your have to offer* ?

E o que há de mais irônico e que, mais uma vez, traduz muito bem a realidade atual vem agora: uma música de sucesso, cantada por uma banda de sucesso, com uma boa crítica ao estilo de vida (e valores imbuídos nela) atual, porém, vazia de efeito, abafada pela sociedade de consumo e comercializada (e consumida) como qualquer outra mercadoria disponível no mercado, ou seja, transformada numa crítica amorfa, tão ineficiente quanto bala de festim; só faz barulho. Mas será?

Às vezes a crítica age nas entrelinhas, na calada da subjetividade, fazendo efeito sem ser percebida. Quando uma jornalista, durante a apresentação do seu telejornal, critica duramente os bancos²¹ financeiros por seus abusos e desrespeito para com o consumidor, talvez não façamos nada para apoiá-la; talvez continuemos a manter nossas contas bancárias nos mesmos bancos que ela criticou tão corretamente, mas não ficamos tão indiferentes a isso quanto parece. Sempre que entramos numa agência bancária, sabemos o que houve e, mesmo inconscientemente, não olhamos para a fachada do

²⁰ Letra original e tradução retirada do seguinte site: www.vagalume.com.br

²¹ Falo aqui da jornalista Salete Lemos, que foi demitida no ano passado pela Tv Cultura por ter criticado a maneira ilícita que os bancos lucram em cima de nós, correntistas. O vídeo desta crítica pode ser visto neste site: <http://www.youtube.com/watch?v=N3xcPOxxcuc&feature=related>

prédio com a confiança de outrora. A desconfiança foi estabelecida e isso pode não ser tudo, mas já é um começo.

Mas quem é o agente de tudo isso? Quem orchestra toda essa capacidade de administrar e lidar com as diferenças, de maneira a não incomodar o *status quo*? Se tivesse um único responsável, seria até fácil culpá-lo, julgá-lo e puni-lo, mas, pelo que diz Castoriadis, não é bem assim:

Tudo isto não é obra de um ditador, de um punhado de grande capitalistas ou de um grupo de formadores de opinião — é uma imensa corrente sócio-histórica que caminha nesta direção e faz tudo se tornar insignificante. (...) Existe aí uma conspiração, não no sentido policial, mas no sentido etimológico: tudo isto “respira junto”, sopra na mesma direção, na direção de uma sociedade na qual toda crítica perde sua eficácia.²²

E com tamanha eficácia e força de penetração em praticamente todas as esferas privadas e públicas da sociedade contemporânea, é óbvio prever tal influência em temas que eram embalados e protegidos da vida pública: falo aqui, mais precisamente, do sentimento do amor. Como um sentimento vivido por todo ser humano, sempre propenso a se apaixonar, de que maneira o indivíduo contemporâneo lida com ele? Será uma exceção à regra, ou o amor também está submetido à condição líquido-moderna, “precária, vivida em condições de incerteza constante”(Bauman)? Isso é o que irei discutir no próximo capítulo.

²² CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 101.

Capítulo 2

Sonho sólido/Amor líquido: ambivalência contemporânea

Mas como alguém pode fazer amor sem estar apaixonado? Eu simplesmente não sei.

Milan Kundera. *A insustentável leveza do ser*.²³

No filme *A insustentável leveza do ser*²⁴, temos uma situação emblemática da ambivalência amorosa: um casal apaixonado, unidos pelo sentimento do amor, pelo desejo de estarem juntos e pela vontade de assim continuarem pelo máximo de tempo possível. Uma típica união amorosa? Talvez sim, mas o que há de mais típico vem agora: a maneira como lidam e percebem a união entre eles é bem peculiar e própria de cada um. Tereza (Juliete Binoche) se entrega a Tomas (Daniel Day-Lewis) e deposita somente nele seu amor e fidelidade, não tanto por uma questão de moral ou princípios onde a mulher deve ser fiel ao seu amante, mas sim porque essa é a maneira como ela vive o sentimento do amor. Antes de ser fiel ao Tomas, ela é fiel a ela mesma; fiel à idéia de que é inconcebível “fazer amor sem estar apaixonado”. Seu companheiro também é fiel a ele mesmo, mas por uma outra forma de encarar seu relacionamento: ele ama sua amante, mas isso não quer dizer necessariamente que não possa experimentar outras amantes. Se isso é ser infiel ou não, depende do juízo de valor de cada um, mas para Tomas o inconcebível é focar num só relacionamento quando o sentimento do amor, para ele, não exige isso.

Como disse, este é um bom exemplo dos (des)encontros e antinomias presentes no amor. Mas por que *tanta* ambivalência? Se relacionar gera desgostos; não se relacionar também gera conseqüências não bem-vindas; mas teria como se relacionar, gerando agrados de um não-relacionar? O que quero dizer é o seguinte: é possível conseguir, ao mesmo tempo, unir as vantagens de um relacionamento com as vantagens de um não-relacionamento, gerando assim um novo tipo de relacionamento que só traga vantagens e agrados?

²³ KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. Frase dita pela personagem Tereza, representada pela atriz Juliete Binoche.

²⁴ A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER. Direção: Philip Kaufman. Estados Unidos: The Saul Zaentz Company, 1988. 1 filme (160min), son., color.

É exatamente isso que os indivíduos líquido-modernos querem, desejam e buscam num relacionamento conjugal. Usufruir da liberdade de um solteiro, com a comodidade e segurança de um comprometido, gerando, assim, um amor líquido, insólito, perfeito demais na teoria, contraditório demais na prática:

Em seu berço histórico, o amor foi embalado por adiamentos, renúncias, devaneios, esperanças no futuro e “doces momentos do passado”. Ele nasceu na “Era dos Sentimentos”, do gosto pela introspecção e por histórias sem fim de apostas ganhas e perdidas. Hoje entramos na “Era das Sensações”, sem memória e sem história. Aprendemos a gozar com o fútil e o passageiro e todo “além do princípio do prazer” é só um vício de linguagem ou da inércia dos costumes. Em suma, vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude.²⁵

Tal ambivalência surge quando não aceitamos mais pagar o preço que um relacionamento sólido exige, seja porque nossa vida líquida nos inibe a agarrar uma oportunidade e a esquecer outras possivelmente melhores, ou porque estejamos perdendo a habilidade de nos relacionar de maneira mais engajada e séria. Se relacionar implica necessariamente a presença de um outro indivíduo, com sua subjetividade própria, seus gostos e anseios, às vezes similares aos nossos, mas sempre muito próprios e individuais. Penetrar num terreno desconhecido, e muitas vezes pretensiosamente conhecido, porém, pouco comprovado, implica riscos e frustrações nem sempre bem-vindas e até inimagináveis. Enfim, somos seres únicos e diferentes, mesmo quando tentamos camuflar tal diferença:

Se pensamos de um modo único, estamos condenados à solidão. Optamos por nos iludir com a idéia de que nossas diferenças individuais são mínimas e isso nos leva a sucessivos erros de avaliação sobre o que está acontecendo na mente do outro. Preferimos minimizar nossas diferenças e então nos sentir aconchegados pela presença dos nossos irmãos.²⁶

²⁵ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.21.

²⁶ GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. São Paulo: Mg Ed. Associados, 1998, p. 47.

Diante dessa dificuldade em conhecer o outro, aceitar e conciliar com as diferenças e continuar amando-o por aquilo que ele é, e não por aquilo que queríamos que fosse, preferimos não adentrar nesse caminho árduo e prolongado, negando ou ignorando a vontade do outro, tomando para si o direito, unilateral, de continuar ou não no relacionamento. É o que Giddens chama de *relacionamento puro*, onde “possa ser rompido, mais ou menos ao bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento”²⁷, e onde ambos parceiros só continuam no relacionamento “enquanto (...) imaginem que estão proporcionando a cada um satisfações suficientes para permanecerem na relação”.²⁸

Este parece ser o remédio encontrado pelo indivíduo contemporâneo para solucionar o dilema de se relacionar e evitar, ao mesmo tempo, os percalços existentes numa união duradoura, mas tal solução não gera outro problema como, por exemplo, a angústia que uma união instável propicia? Se os relacionamentos líquidos nos livraram dos males da falta de opção e dos grilhões de ferro que prendiam nossa liberdade de experimentar novas experiências nos relacionamentos sólidos, por outro lado nos trouxeram outros males não menos difíceis, não menos frustrantes e não menos perversos. A questão não é nem tanto dizer se o amor líquido é bom ou ruim, de maneira maniqueísta e definitiva, mas sim, o que seu discurso pronuncia e o que sua realidade oferece.

Na teoria temos agora a chance única de exercer nossa liberdade de ir e vir, de se relacionar de acordo exclusivamente com nossas vontades, sem ligar para consequências desagradáveis ou uniões duradouras que só servem para evitar outras experiências diferentes e, quem sabe, melhores. Podemos conhecer nossos sentimentos e sensações através das trocas de experiências com diversos parceiros, gerando diversas histórias prontas para serem contadas e consumidas numa bela roda de amigos. Realmente é muito atraente, e não dá para ficar indiferente frente a esse mundo pautado na liberdade, parcerias leves e não definitivas. Mas se esse tipo de relacionamento é tão bom, por que as pessoas ainda se casam?

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²⁹, em 2006, o total de casamentos no Brasil foi de 889.828, 6,5% superior ao de 2005,

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.111.

²⁸ Idem.

²⁹ Estas informações foram obtidas através do seguinte site:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/defaulttab.shtm>

mantendo a tendência de crescimento que vem sendo constatada no país desde 2002. Porém, se as pessoas, por um lado, estão legalizando suas uniões, por outro, estão se divorciando com mais frequência. Em 2006, o número de separações judiciais³⁰ foi 1,4% maior que em 2005. Os divórcios³¹ concedidos em 2006 tiveram acréscimo de 7,7% em relação a 2005, passando de 150.714 para 162.244. Ainda de acordo com o IBGE:

A elevação do número de divórcios em relação ao de separações judiciais (...), revela uma gradual mudança de comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitar o divórcio com maior naturalidade e a acessar os serviços de justiça referente ao tema de modo a formalizar as dissoluções que atendem aos critérios estabelecidos, que no caso dos divórcios são dois anos de separação de fato, para dar entrada no processo de divórcio direto ou de um ano após a separação judicial.³²

Tais dados nos dizem que grande parte das pessoas ainda acredita e deposita suas esperanças no “até que a morte nos separe”. É claro que os índices de separação judicial e divórcio mostram a frustração que boa parte dessas pessoas tiveram em seus casamentos, mas isso é outra história. Um casamento frustrado não é a mesma coisa que um relacionamento líquido bem-sucedido, porque no primeiro está implícito uma tentativa de solidificar a relação, um engajamento mal-realizado, mas ainda sim, engajamento. No segundo nem essa tentativa existe, já sendo concebido a priori a descrença ou impossibilidade de durabilidade desse tipo de relacionamento.

Estas tentativas, frustradas ou não, nos mostra que, querendo ou não, precisamos nos relacionar, e a maneira como tentamos negar ou amenizar os efeitos maléficos dessa dependência do outro não está trazendo a tranquilidade ou bem-estar que imaginávamos:

³⁰ Separação judicial, para o IBGE, “é a dissolução legal da sociedade conjugal, ou seja, a separação legal do marido e da mulher, desobrigando as partes de certos compromissos, como o dever de vida em comum ou coabitação, mas não permitindo o direito de casamento civil, religioso e/ou outras cláusulas de acordo com a legislação de cada país.”

³¹ Divórcio “é a dissolução do casamento, ou seja, a separação do marido e da mulher conferindo às partes o direito de novo casamento civil, religioso e/ou outras cláusulas de acordo com a legislação de cada país”.

³² Estas informações foram obtidas através do seguinte site:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/defaulttab.shtm>. Acessado em 27 de novembro de 2008.

Em favor do que dizem, mostram o avesso das promessas de felicidade amorosa: a “proteção” contra a solidão nunca produziu tantos solitários, a “competência para amar” forma legiões de “incompetentes” e o mundo dos felizes nada mais é do que bufonaria com ares de seriedade³³

O remédio contra os malefícios do amor sólido, na verdade se mostra placebo, para não dizer veneno, porque negar a importância de se criar vínculos duradouros para a saúde psíquica do indivíduo, é negar uma característica humana e natural:

Das muitas tendências, inclinações e propensões “naturais” dos seres humanos, o desejo sexual foi e continua sendo a mais óbvia, indubitável e incontestavelmente social. Ele se estende na direção de outro ser humano, exige sua presença e se esforça para transformá-la em união. Ele anseia por convívio. Torna qualquer ser humano — ainda que realizado e, sob todos os outros aspectos, auto-suficiente — incompleto e insatisfeito, a menos que esteja unido a um outro.³⁴

E como conseguir uma união se, na verdade, vemos muito mais “conexões” do que uniões? União requer tempo, aprendizagem, encontros e desencontros formados ao longo de um tempo passado juntos. É claro que relacionamento líquido ainda é relacionamento, ainda guarda em si elementos que validam o uso desse conceito, tais como: o encontro com uma outra pessoa; o estabelecimento de vínculos (superficiais, frouxos, líquidos, mas, ainda sim, vínculos); o diálogo (por mais breve e efêmero que possa ser). Mas sua finalidade em nada tem ajudado a fazer os indivíduos mais felizes ou satisfeitos em suas relações afetivas do que no passado. A satisfação amorosa exige comprometimento, entendimento, requer suor e dedicação:

[...] o primeiro passo a dar é tornar-se consciente de que o amor é uma arte, assim como viver é uma arte; se quisermos aprender como se ama, devemos proceder do mesmo modo por que agiríamos se quiséssemos aprender qualquer outra arte, seja a música, a pintura etc. [...]. E há ainda um terceiro fator: o domínio da arte deve ser questão de extrema preocupação, e é esse o ponto fraco do amor na nossa sociedade porque, apesar

³³ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.147.

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 55.

*da profundamente enraizada avidez pelo amor, quase tudo mais é considerado mais importante do que o amor: o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder.*³⁵

Conseguir os benefícios da arte de amar sem se esforçar para dominar tal arte, se mostra tão improvável de se realizar quanto querer ganhar na loteria sem fazer a aposta, e isso mostra mais uma vez a ambivalência do indivíduo contemporâneo, ávido por amar mas com tão pouca paciência e disponibilidade para tolerar todas as consequências que esse ato traz consigo. Mas quais são essas consequências?

Abrir-se ao outro, acreditar nele e viver através dele. É confiar no destino incerto que nos leva ao desconhecido: “amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível”.³⁶ Porém, ou o medo nos paralisa e evita que façamos tal aposta, ou o relacionamento líquido é uma realidade boa demais para se abrir mão dela, mas acho que não é isso. Penso que a aposta no amor líquido em detrimento do amor sólido, se deve ao menor risco de decepções do primeiro em relação ao segundo, e isso não apenas aos relacionamentos afetivos, mas sim, em todos os relacionamentos sociais:

*A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum.*³⁷

Não se relacionar com o outro implica não se frustrar com ele. Se, por um lado, a frenética troca de parceiros evita que nos relacionemos de verdade, quer dizer, que se crie vínculos sólidos e pretensamente duradouros, por outro lado, não corremos o risco de depositar nossas esperanças no outro e ele nos decepcionar novamente. Ao invés do antídoto da decepção ser uma melhor maneira de encarar a alteridade, preferimos anulá-la, negando sua existência ou importância. O outro se torna descartável e nós, com isso, nos tornamos narcísicos, porque eu não preciso mais do outro para me relacionar, se tornando, assim, uma extensão de mim e fico com ele na medida em que me enxergo nele. E antes mesmo que o outro se mostre, antes que a relação amadureça o suficiente

³⁵ FROMM, Eric. **A arte de amar**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1976, p.24-5.

³⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.21.

³⁷ Ibid., p. 84.

para eu ver que o outro não sou eu, que ele carrega em si a alteridade, ou seja, que carrega o desconhecido, eu já o descarto, o refugo. Se não sou eu então não presta, lata do lixo.

O sentimento amoroso é essencialmente ambivalente, não sendo um fenômeno que surgiu com a modernidade líquida, porém, a maneira que optamos por lidar com tal ambivalência é, ao contrário, bem atual:

*Se escolhemos a flutuação, temos o perfil do amante narcísico atual; se escolhemos a fixação, as dores do amor não serão menores. A rotina mata o amor na paz dos cemitérios e o descompromisso nos faz quitar, de forma imoral, uma dívida impagável. (...) O amor, independente do narcisismo cultural ou pessoal, é um gozo que tem o peso de um fardo. A saída é aceitar o impasse (...).*³⁸

Diante da incontornável antinomia, a solução é seguir o conselho de Jurandir Costa, aceitar o impasse e arcar com as consequências das decisões tomadas.

Consumidor do amor: desejo e impulso

Outra importante característica do amor líquido, é a capacidade do indivíduo contemporâneo de tudo consumir, de fazer do seu objeto de desejo sexual apenas mais um dentre tantos outros artigos da dieta do consumo, disponíveis a cada vitrine de uma *boulevard*, não muito especial nem muito diferente:

*O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário”.*³⁹

³⁸ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.139.

³⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.96.

Ao admirarmos o lançamento de um carro novo, conferimos nosso saldo bancário para saber se poderemos ou não satisfazer nosso desejo de consumi-lo. Ao olhar uma pessoa atraente e desejá-la ao nosso lado, tomamos uma atitude similar:

[...] toda nossa cultura se baseia [agora] no apetite da compra, na idéia de uma troca mutuamente favorável. A felicidade do homem moderno consiste na sensação de olhar as vitrines das lojas e em comprar tudo quanto esteja em condições de comprar. Ele encara as pessoas de maneira semelhante. Para o homem, uma mulher atraente, eis o lucro a obter [...] assim, duas pessoas se apaixonam quando sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais.⁴⁰

Mas o que exatamente consumimos quando consumimos? Em outras palavras: o que buscamos, quais anseios queremos solucionar, quando consumimos? Consumimos para satisfazer não nossa necessidade de sobrevivência, mas sim, para satisfazer nossa necessidade de desejo. Ele é o motor do consumismo, seu principal pilar de sustentação. Consumir nada mais é do que o ato de (tentar) destruir o desejo:

Em sua essência, o desejo é um impulso de destruição. E, embora de forma oblíqua, de auto-destruição: o desejo é contaminado, desde o seu nascimento, pela vontade de morrer. Esse é, porém, seu segredo mais bem guardado — sobretudo de si mesmo.⁴¹

O que nos induz a desejar mercadorias? Será que buscamos nas mercadorias o que não encontramos nas pessoas? Penso que a consumação do desejo, ou sua tentativa através do consumo, tira a atenção do indivíduo de suas insatisfações pessoais para o objeto que ele está desejando. Não é que ele procura na mercadoria aquilo que ele não acha na sua vida pessoal, porque ele sabe que um carro novo não vai fazer dele uma pessoa mais inteligente ou mais sociável:

Não importa, porém, por mais que tentem os comerciantes, a fome que prometem saciar não desaparece. Os seres humanos podem ser reciclados em produtos de consumo, mas estes não podem ser transformados em seres humanos. Não em seres

⁴⁰ FROMM, Eric. **A arte de amar**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1976, p. 11-22

⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 24.

*humanos do tipo que inspira a nossa busca desesperada por raízes, parentesco, amizade e amor — não em seres humanos com que possamos identificar-nos.*⁴²

Ao comprar uma mercadoria, indo ao shopping e enchendo as mãos de sacolas, desconcentra a atenção nos seus problemas, anseios e frustrações, se concentrando agora no seu novo eu, mais atual e mimado. Enquanto moradores de uma sociedade de consumo, e enquanto consumidores, já temos experiência suficiente para saber da impossibilidade de resolver nossos problemas atualizando a decoração da nossa sala, mas mesmo assim fazemos isso, por quê? Porque o novo atrai, independentemente se traz consigo a ilusão de solução dos nossos problemas, sinônimo de novidade e isso desperta o desejo, nos lançando na busca por saciá-lo:

*Uma vez interrompida a satisfação em função do desgaste dos objetos, de uma familiaridade excessiva e cada vez mais monótona ou porque substitutos menos familiares, não-testados, e assim mais estimulantes, estejam disponíveis, não há motivos para entulhar a casa com esses objetos inúteis.*⁴³

Nesse sentido, o ato da compra satisfaz o desejo integralmente, mas o que nos faz querer continuar comprando, através da instigação de novos desejos, é o fato das mercadorias se defasarem num espaço de tempo cada vez mais curto. A grande sacada do capitalismo tardio não é nem tanto vender a ilusão de que seus produtos irão fazer os indivíduos melhores do que são, mas sim, fazer o espaço de tempo em que um produto saia da categoria *novo* e entre na categoria *velho* ser o mais rápido possível.

A satisfação do desejo foi feita para não durar, e o capitalismo atual, no seu estágio consumista, fez otimizar isso; levar esse instante que não perdura na escala máxima possível, tanto que autores nem falam mais na consumação do desejo, mas na satisfação do impulso. A diferença entre desejo e impulso é meramente temporal:

A curta expectativa de vida é o trunfo dos impulsos, dando-lhes uma vantagem sobre os desejos. Render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. No caso das parcerias, e particularmente

⁴² BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.101.

⁴³ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 70

*das parcerias sexuais, seguir os impulsos em vez dos desejos significa deixar as portas escancaradas “a novas possibilidades românticas”.*⁴⁴

Seguir um desejo no caso de um relacionamento amoroso significa investir na conquista daquela pessoa desejada, é amadurecer tal sentimento no diálogo, no jogo da paquera, na insistência da conquista. Se relacionar por impulso é o ficar, onde você fixa o olhar em alguém e poucos instantes depois, as vezes sem nenhum tipo de diálogo ou paquera que não seja uma troca efêmera de olhares, ambos estão nos braços um do outro. Dada à rapidez com que tudo isso acontece não podemos nem falar em surgimento e amadurecimento do desejo, mas em impulso, consumido ao máximo apenas naquele instante, sem passado nem futuro, fugaz como um raio.

O instante do ficar

Meninos e meninas se beijando a esmo, mal sabendo outra coisa além de seus próprios nomes. Sim, é a essa liberdade de conhecer sua própria sexualidade através de algo simples e prazeroso (o beijo) que se dá o nome de *ficar*. É diferente de namoro, porque este requer o mínimo de duração, fidelidade e comprometimento. E “sair ficando” não causa o mesmo sofrimento do “sair namorando”, porque o primeiro já está estabelecido *a priori* a brevidade do encontro, consumido por inteiro no instante que não perdura, e que nem tem motivos para tal. Já o namoro, ao contrário, guarda na sua menor duração o instante que perdura, preservando na memória aquilo que era para ser e não foi; todas as expectativas e fichas depositadas num engano, mas que, ao menos, foram depositadas.

As características do “ficar” contemporâneo são muito parecidas com a noção de conexões do Bauman:

(...) as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (...) elas parecem feitas sob medidas para o líquido cenário da vida moderna, em que se

⁴⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.27.

*espera e se deseja que as “possibilidades românticas” (...) surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente e tentando impor aos gritos a promessa de “ser a mais satisfatória e a mais completa”.*⁴⁵

Também acho que o ficar seja feito sob medida para “o líquido cenário da vida moderna”, mas penso nisso como um fenômeno estritamente (pré)adolescente, que são os verdadeiros guardiões da impaciência e falta de habilidade em perceber no amor sólido algo que não vá além de um punhado de preceitos ultrapassados e defasados, prontos para virarem atração turística em museu de curiosidades. Mas seria o ficar o novo tipo de amar, sendo a forma de se relacionar mais adaptada aos valores líquido-modernos? Se pensarmos o amor como uma criação humana, e como toda criação, passível de alterações e mudanças, é cabível vislumbrar no ficar um novo tipo de relacionamento criado para condizer com os anseios e expectativas do indivíduo contemporâneo:

*O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós. Para isso, é preciso mostrar que nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas, qualquer que seja o sentido que venhamos a dar ao termo perfectibilidade.*⁴⁶

E quais as conseqüências disso? Não acredito que os malefícios superem os benefícios, porque estamos falando de pré-adolescentes (na faixa etária a partir dos 12 anos), com os hormônios à flor da pele e que estão apenas conhecendo seu próprio corpo e essa nova realidade tão estranha e prazerosa: o desejo sexual. Mas há uma ressalva: o *ficar* se dá geralmente em lugares públicos, onde todos se policiam e corroboram tal prática, mas ir para detrás da festa e chegar ao sexo já não caracteriza o

⁴⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 12.

⁴⁶ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.12.

ficar, pelo menos nessa fase. Isso já é mais comum no *ficar* para adultos, sinônimo para muitos de *promiscuidade*, e que guarda diferenças notáveis em relação aos pré-adolescentes. Mesmo *ficando*, o adulto se preocupa mais com o objeto de prazer, ao contrário dos jovens que estão mais preocupados com a sensação em si, e não muito com o objeto que cria tal sensação. É por isso que não se machucam tanto e continuam *ficando*, ao contrário dos mais amadurecidos que vêem no *ficar* um estado mais provisório do que definitivo, e isso quer dizer muita coisa. Não é gratuito que os indivíduos, na medida em que vão amadurecendo, fazem o caminho de volta aos relacionamentos sólidos. Se isso ocorre é porque percebem a insustentabilidade da condição afetiva líquido-moderna e a fragilidade de tratar o ser humano como se fosse tudo, menos humano:

Quando se trata de seres humanos, é difícil evitar o compromisso, mesmo que não seja por escrito nem formalmente endossado. Os atos de consumo têm fins claros, durando apenas até se concretizar e nem um minuto a mais, porém o mesmo não pode ser dito das interações humanas, já que cada encontro deixa para trás um sedimento de vínculo humano, e esse sedimento se torna mais espesso com o tempo, à medida que se enriquece com as memórias do convívio. (...) O laço que se estabelece pode ser rompido, novas interações podem ser recusadas — mas não sem que deixem um sabor amargo e um sentimento de culpa. É difícil trair a consciência moral.⁴⁷

É por isso que sou otimista em relação aos relacionamentos afetivos contemporâneos, porque precisamos de algo concreto para depositar nossos anseios, esperanças, angústias, projeções e passados. Enfim, precisamos *durar*.

Mas o que é isto? Será aquilo que permanece no tempo? A duração é construída com ritmos (sistemas de instantes), e são esses ritmos que determinam a maneira como algo irá durar ou não no tempo. Bachelard percebeu que:

esses fenômenos [temporais] não duravam todos do mesmo modo e que a concepção de um tempo único(...) só poderia corresponder a uma visão de conjunto que resume de forma muito imperfeita a diversidade dos fenômenos temporais.⁴⁸

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 140-1.

⁴⁸ BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática Ed., 1988, p. 06.

É por isso que temos diferentes percepções de duração, por exemplo: todos os dias têm 24 horas de duração, mas temos a sensação de que determinados dias, como os feriados, duram mais do que outros. Muitos dizem: “hoje o dia demorou a passar.” Nas palavras do autor:

*Quanto mais um tempo é ocupado, mais ele parece curto. Devíamos dar a essa observação corriqueira um papel de extrema importância na psicologia temporal (...). Veríamos então a vantagem que há em falar de riqueza e densidade [grifo do autor], mais do que de duração.*⁴⁹

Para Bachelard, o que importa no tempo não é a duração, mas os instantes. E para ele, a duração não seria outra coisa que a “unidade de medida do instante”. E o que é instante? É a verdadeira realidade do tempo. O tempo só existe pelo instante, acontecendo inteiramente no presente, no ato. Por isso, ele é trágico: “o instante é algo totalmente diferente. Ele é trágico. Porque só pode nascer com a condição de morrer. O instante já é solidão. (...) E o tempo é a consciência dessa solidão.”⁵⁰ Solidão porque o instante não se repete duas vezes, encerrando em si toda sua existência, tanto que o “tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nada.”⁵¹ Por isso o tempo é descontínuo, porque é formado por instantes únicos, tendo sua essência no instante e não no passado e futuro:

*Passado e futuro não tocam a essência do ser, e muito menos a essência primeira do Tempo. Para Roupnel (...), o tempo é o instante, e é o instante presente que tem toda a carga temporal. O passado é tão vazio quanto o futuro. O futuro está tão morto quanto o passado. O instante não contém uma duração em seu seio, não impele uma força num sentido ou noutro. Ele não tem duas faces, é inteiro e único.*⁵²

É importante ressaltar estas questões de *tempo*, *duração* e *instante* porque essas noções têm sua historicidade e, por isso, não são as mesmas de outrora. Refletir sobre o que é o tempo, e o que comporta a sua historicidade, nos esclarece do porque sentimos o passar dos “fenômenos temporais” de uma maneira e não de outra. Valorizamos hoje o

⁴⁹ BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática Ed., 1988, p. 41.

⁵⁰ JAPIASSÚ, Hilton. **Para ler Bachelard**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 22.

⁵¹ BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus Ed., 2007, p. 17.

⁵² Ibid., p. 52.

que não dura, mas o próprio conceito de durar não é o mesmo, por exemplo, do início do século passado. *Durar* na *modernidade sólida* era aquilo que permanecia na realidade por anos. Na contemporaneidade, *durar* não vai além do lançamento da última moda, seja lá em qual for o setor. É por isso que o *ficar* é um fenômeno tão contemporâneo.

Não é curioso que o *ficar* tenha surgido justamente na *modernidade líquida*? Será pura coincidência? Dificilmente. Tal prática não brotou do nada e se surgiu agora, é porque o contexto permitiu isso, ou quem sabe, até influenciou nessa repentina liberdade jovial. Como já disse, a profanação dos costumes tradicionais; a impaciência para com tudo aquilo que lembre esforço e superação de barreiras, já que na *modernidade sólida* era valorizado justamente a ascensão na vida, através da vitória diante dos diversos embates para se chegar ao destino desejado e, assim, aproveitar a prazerosa sensação de ter vencido e superado todos os percalços que estavam no caminho. Mas, em contrapartida, na contemporaneidade, o que é valorizado é exatamente a ausência desses percalços a serem superados, eliminando a fase de percorrer todo um caminho enriquecedor, que fazia o sujeito valorizar cada pequena conquista em troca de uma distância que não mais existe ou que pode ser superada com um simples cartão de crédito. Já não é mais valorizado a superação de problemas, mas sim, a sua ausência e se isso implica, por um lado, numa maior facilidade de usufruir daquilo que se almeja, por outro, esvazia o valor e a durabilidade de tal sensação, pois, não faz o menor sentido se apegar a algo que foi conseguido sem o menor esforço, e que ainda pode ser substituído a seu bel-prazer. E os jovens estão mergulhados nisso, e percebem tal *lógica operacional* facilmente. Se o passado não serve de parâmetro para o presente; se não é necessário sentir o menor pudor ou vergonha por experimentar algo novo e único, e se, ainda, vive numa sociedade que estimula a satisfação arrebatadora de um desejo, seja ele qual for, tal prática torna-se bem mais inteligível e menos misteriosa.

Um contraponto

Toda a beleza e importância do amor na história do pensamento ocidental, surge a partir da obra *O banquete*, de Platão. Neste livro:

*O amor é apresentado como um impulso que se dirige a um outro e como um composto afetivo feito de desejo; de falta do objeto de desejo; de nostalgia ontológica do objeto ideal perdido; de sofrimento decorrente da perda ou da ausência deste objeto; de alegria intensa quando o objeto é possuído etc. Revista desse ponto, a erótica platônica mostra semelhanças com a idéia de amor romântico atual.*⁵³

A origem da concepção moderna de amor romântico e sujeito amoroso surge com o amor cortês e com as primeiras teorias sobre o sujeito nascidas com as revoluções na Europa nos séculos XVI e XVII.

Não pretendo aqui fazer uma análise do *amor sólido*, porque se nem o Roland Barthes pretendeu isso, preferindo, ao contrário, propor uma afirmação do discurso amoroso, não serei eu quem irá tentar algo do tipo. Apenas tecerei breves comentários afim de melhor exemplificar as características do amor contemporâneo, através daquilo que é o seu oposto, ou pelo menos, quase. Para tal me utilizei de um livro nada convencional, porque “substituiu-se (...) à descrição do discurso amoroso sua simulação, e devolveu-se a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o eu, de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise.”⁵⁴

Talvez seja muita pretensão minha querer fazer uma análise que nem o Barthes se propôs a fazer, mas me arriscarei a tal empreendimento pelo menos em relação ao discurso do Schelling, quando ele diz: “Dizem-me: esse gênero de amor não é viável. Mas como avaliar a viabilidade? Por que o que é viável é um Bem? Por que *durar* é melhor que *inflamar*?”⁵⁵. Fica claro que o principal não é a concretização ou não de tal sentimento, mas simplesmente senti-lo. Ao concentrar os esforços na linha de chegada e conferir a vitória ou a derrota, perde-se o que para Schelling é o mais importante: o simples caminhar, independente da posição de chegada ou se irá chegar ou não. *Inflamar* é melhor que *durar*, *sentir* é tão bom ou até melhor que *realizar*. Freud

⁵³ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.37.

⁵⁴ BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p. 01.

⁵⁵ Ibid., p. 22.

também percebeu a importância de se focar muito mais no sentimento em si, do que nos frutos que ele poderá trazer dependendo de sua realização ou frustração:

*Gracias a su constitución, una pequeña minoria de éstos logra hallar la felicidad por la via del amor; mas para ello debe someter la función erótica a vastas e imprescindibles modificaciones psíquicas. Estas personas se independizan del consentimiento del objeto, desplazando a la propia acción de amar el acento que primitivamente reposaba en la experiencia de ser amado, de tal manera que se protegen contra la pérdida del objeto, dirigiendo su amor en igual medida a todos los seres en vez de volcarlo sobre objetos determinados(...).*⁵⁶

Em breves palavras: é amar muito mais o amor do que o objeto amado. Num mundo focado em resultados como o contemporâneo, a viabilidade se torna tão importante e é levada em consideração de tal forma, que elimina-se ou subestima-se a vivência do amor (*inflamação* dos sentimentos), não dando a menor chance para seu amadurecimento e perdendo, com isso, um ganho de experiência e vivência no conhecimento de seus sentimentos, e do simples prazer em senti-los, lastimável.

Entre os elementos que perduram no tempo, e que estão presentes desde a modernidade *sólida* até à atualidade, gostaria de focar em um: a angústia. Tal sentimento surge do medo de perder o objeto amado para e por causa da alteridade. Essa angústia é a dor e o medo do outro não ser eu; não compartilhar as mesmas idéias, os mesmos sentimentos, enfim, ser algo que está para além de mim; fora do meu controle. É a angústia da não perfectibilidade do outro, tão idealizada e sonhada pelos românticos, e tão consumida em novelas e seriados na contemporaneidade. É o medo de perder aquilo que nem se ganhou: a completude do outro. A angústia do outro não ser eu, ou melhor, de nunca ter sido. Como bem disse Winnicott, “a angústia do amor é o temor de um luto que já ocorreu, desde a origem do amor, desde o momento em que fiquei encantado. Seria preciso que alguém pudesse me dizer: ‘não fique mais angustiado, você já o perdeu’”.⁵⁷

Mas o que será mais angustiante: não ter o outro, ou não amá-lo? O que estou querendo dizer é o seguinte: é possível viver sem amar? E o que será mais confortável: amar ou não amar? Para Diderot, “na ausência amorosa, sou tristemente, uma imagem

⁵⁶ FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura*. Biblioteca Nueva, 1945, p.3040.

⁵⁷ BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p.29.

descolada, que seca, amarelece [sic], encarquilha”⁵⁸. E para o indivíduo líquido-moderno? Será que ele iria definhar por falta de amor ou sexo? É curioso analisar quais são as prioridades de uma época sobre certos assuntos, e até que ponto tais ideais de vida são seguidos à risca ou não, e até se são verdadeiros ou não. Já deixei bem claro que o valorizado atualmente são os encontros fortuitos, e o exemplo do *ficar* é emblemático, mas será que por detrás dessa velocidade e fluidez dos relacionamentos, não se está à procura de algo que justamente nega tudo isso, tal seja o amadurecimento e comprometimento de um relacionamento sólido e sério? E o mais importante: até que ponto alguém se relaciona com outra pessoa já sabendo da brevidade da relação? Porque há uma diferença considerável entre depositar todas as fichas numa pessoa e se decepcionar uma semana depois, e entrar num relacionamento já sabendo que só um milagre fará tal união durar mais tempo. Mas ambos os casos guardam algo em comum: a falta de vontade ou paciência em lidar com os percalços que todo relacionamento oferece. É por isso (e não apenas) a brevidade das uniões românticas na contemporaneidade.

É considerável o número de pessoas que não concordam com todo esse descomprometimento atual, exercendo uma verdadeira resistência a isso, preferindo estar só, esperando e procurando por quem realmente vale a pena, do que literalmente *ficar* com vários outros na espera de uma eventual consolidação afetiva

⁵⁸ BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p. 74.

Capítulo 3

Sentimentos do mal e cultura do narcisismo: o indivíduo contemporâneo

Ele [Kurt Cobain] tinha o desespero, não a coragem, para ser ele mesmo. Uma vez que você tem isso, você não pode dar errado, porque você não pode cometer nenhum erro quando as pessoas o amam por você ser você mesmo. Mas para Kurt, não importava que as outras pessoas o amassem; ele simplesmente não se amava o bastante. Dave Reed. Mais pesado que o céu.⁵⁹

Durante todo este trabalho usei o termo *indivíduo contemporâneo*, para designar os sujeitos inseridos na modernidade líquida, que produzem e reproduzem tal realidade. Mas, afinal, o que se fala quando se fala em *indivíduo contemporâneo*? E quais seriam as influências de um relacionamento líquido; de um consumismo desenfreado; de uma individualização sobre a psique humana crescente dos problemas e soluções públicas recaídas nos ombros de cada indivíduo e de tantas outras características que compõem o cenário contemporâneo?

Ao falar de comportamento humano, há um bem específico que merece destaque por ser, quem sabe, a base de sustentação daquilo que mais caracteriza a condição do indivíduo contemporâneo. Falo da ascensão da individualidade, que a preocupação do indivíduo consigo mesmo; sua ascensão como objeto de análise, projeto de vida. Quem, em alguma situação embaraçosa da vida, já não disse: *preciso conhecer o meu verdadeiro eu*?

Por trás dessa simples pergunta há tamanha problemática, tão densa e tensa de conteúdo e debates teóricos, e é por ela que consultórios de psicanalistas estão saturados de pacientes querendo saber, afinal, *quem realmente sou*. A primeira questão que precisa ser respondida é: por que toda essa preocupação com nossa subjetividade?

Voltamo-nos romanticamente para “dentro de nós mesmos” quando não encontramos respostas ou sentido no que há “do lado de fora”, que é a sociedade, o espaço público. A ascensão da individualidade coincide com o declínio da preocupação com a esfera pública, embora isso não ocorra de maneira fatal ou conseqüente:

⁵⁹ CROSS, Charles R. *Mais pesado que o céu: uma biografia de Kurt Cobain*. São Paulo: Globo, 2003, p. 418. Dave Reed é pai de um dos amigos de Kurt, e o acolheu em sua casa por alguns meses quando Cobain ainda era adolescente.

Se o envolvimento nas questões do eu tivesse ocorrido ao mesmo tempo em que as pessoas continuassem a levar suas vidas ativas com pessoas que nunca poderiam conhecer, na política e na burocracia de grande escala, poderíamos sensatamente concluir que as dimensões do problema residem na importância crescente da psicologia na vida burguesa; esse problema psicológico poderia ser encarado como divorciado de questões sociológicas de participação e de ação em grupo. Mas na realidade houve uma troca. Aumentou a preocupação com as questões relativas ao eu, enquanto a participação com estranhos para finalidades sociais diminuiu — ou essa participação perverteu-se com a questão psicológica.⁶⁰

Adotamos uma postura psicológica no dia-a-dia, não por tédio ou mera escolha, mas por pura sobrevivência, medo e descrença. Procuramos no *eu* aquilo que não encontramos no *nós*, porque o outro será sempre um desconhecido, um forasteiro que traz em si o germe da desconfiança, e em tempos de crise da sociabilidade, confiança se torna um artigo de luxo disponível apenas para poucos corajosos ou esperançosos:

A vida no dia-a-dia passou a apresentar-se como uma sucessão de crises não necessariamente porque seja mais arriscada e competitiva do que costumava ser, mas porque coloca as pessoas diante de tensões passíveis de resolução, enquanto a esperança de prevenir o desastre público parece tão remota que entra em seu pensamento apenas na forma de uma melancólica súplica em favor da paz e da fraternidade.⁶¹

Uma vez que os indivíduos não mais acreditam na solução dos problemas públicos, eles se voltam para solução das várias crises sucessivas que afetam sua intimidade, lidando com os problemas cada um à sua maneira. Se a criminalidade está aumentando, sou eu que preciso chegar em casa mais cedo, aumentar as trancas da porta e comprar um alarme mais potente para o carro; se as taxas de desemprego aumentam, sou que preciso me especializar ainda mais, ser o melhor da turma e não dar a menor chance para a concorrência:

O abismo entre a individualidade como fatalidade e a individualidade como capacidade realística e prática de auto-afirmação está aumentando. Riscos e contradições continuam a

⁶⁰ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 24-25.

⁶¹ LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Imago Ed., 1990, p. 55.

*ser socialmente produzidos; são apenas o dever e a necessidade de enfrentá-los que estão sendo individualizados. Assim, se uma pessoa fica desempregada foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista; se não estão seguros sobre a perspectiva de carreira, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos.*⁶²

O problema nunca está no espaço público, já perdido e degenerado, mas no indivíduo, que precisa vencer uma guerra diária não apenas psíquica, mas meramente física. Uma guerra geralmente constitui um estado de exceção, porém, se tornou institucionalizada na atual sociedade burocrática:

*A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez — tais técnicas de autogestão emocional passaram a configurar a vida das pessoas comuns em condições normais de uma sociedade burocrática.*⁶³

Não é preciso ter doutorado em psicanálise para perceber que tal realidade deixa a psique do indivíduo em farrapos. Por isso, o sucesso das terapias voltadas para diversas áreas da vida pessoal (livros de auto-ajuda, terapias ocupacionais, chá verde para tranquilizar etc.), buscadas nem tanto por lazer ou curiosidade, mas por pura necessidade, porque haja psicológico para agüentar os fracassos (sempre mais constantes do que os sucessos) e o sentimento de culpa causado por eles. E o surgimento dessa internalização do sentimento de culpa talvez seja um dos pontos diferenciados da modernidade, porque:

*Pensar o mundo com base no sujeito, repensar a política reconhecendo o cidadão, conceber as relações sociais como relações intersubjetivas, admitir a transcendência do indivíduo, tudo isso constituiu uma revolução mais importante que a “revolução copernicana” da cosmologia moderna.*⁶⁴

⁶² BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.43.

⁶³ LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Imago Ed., 1990, p. 47-8.

⁶⁴ LINDO, Augusto Pérez. **A era das mutações: cenários e filosofias de mudanças no mundo**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p.172-3.

De fato, a individualização do homem e o conseqüente sentimento de culpa por ele internalizado é uma criação humana e, como toda criação, tem sua história e não surgiu do nada. Tanto que o homem primitivo não tinha o costume de culpar a si mesmo diante de alguma desgraça qualquer:

*Es curioso, pero, de qué distinta manera se conduce el hombre primitivo! Cuando le ha sucedido una desgracia no se achava la culpa a si mismo, sino al fetiche, que evidentemente no há cumplido su cometido, y lo muele a golpes en lugar de castigarse a si mismo.*⁶⁵

É em virtude do surgimento deste *indivíduo sitiado* (Lasch), que a relação entre esfera pública e privada ficou tão deturpada em relação à sua função de uma delimitar e ampliar a existência da outra, determinando, assim, a posição e postura do indivíduo em cada uma das esferas:

*As melhores coisas na tradição da cultura ocidental (...) derivam das convenções que haviam regulado as relações impessoais em público. Estas convenções, hoje condenadas como sendo restritivas, artificiais e mortais para a espontaneidade emocional, estabeleciam primitivamente os limites civilizados entre as pessoas, limitavam as demonstrações públicas de sentimentos e promoviam o cosmopolismo e a civilidade.*⁶⁶

Como consequência da invasão do espaço público pelo privado, a intimidade inflamada e socializada com depoimentos íntimos na esfera pública tornou-se o padrão a ser seguido e reproduzido, seja um político contando de suas experiências com drogas enquanto jovem ou uma modelo relatando sobre suas experiências sexuais num programa de Tv, enfim, tentamos nos socializar ou preencher o espaço público com assuntos estritamente pessoais gerando, em contrapartida, uma não-sociabilidade. Tentamos criar vínculos sociais com o outro na esfera social, através de um método que produz qualquer coisa, menos a sociabilidade. Não deixa de ser irônico:

⁶⁵ FREUD, Sigmunt. **El malestar en la cultura**. Biblioteca Nueva, 1945, p3055-6.

⁶⁶ LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1983, p. 50.

*Quando todos estão se vigiando mutuamente, diminui a sociabilidade, e o silêncio é a única forma de proteção (...). As pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais tiverem entre si barreiras tangíveis, assim como necessitam de locais específicos, em público, cujo propósito único seja reuni-las. Em outros termos, diríamos: os seres humanos precisam manter uma certa distância da observação íntima por parte do outro para poderem sentir-se sociáveis. Aumentem o contato íntimo e diminuirão a sociabilidade.*⁶⁷

Este silêncio ressaltado por Sennett é perceptível no dia-a-dia. O espaço público é tomado por um barulho que não é mais humano. Saímos na rua e o que ouvimos? Barulho dos carros, música alta, canteiro de obras, alguns animais abandonados, mas não ouvimos o outro. A esfera social se tornou, em grande parte, vazio de significado coletivo no sentido das pessoas interagirem nele. No espaço público não se fala, não se toca, o olhar vai mais não volta, as pessoas se olham, mas não se enxergam, tornando-nos saudavelmente cegos. Até nas festas e bares não há interação, porque esses lugares nada mais são do que esferas particulares compartilhadas: cada grupo de amigos senta numa mesa e lá ficam sem interagir com mais ninguém e, assim, se arrumam e vai para a sociabilidade fazer exatamente o mesmo que faz na intimidade.

Sociabilidade virou sinônimo de intimidade, e não dá para ser íntimo de qualquer um, porque se relacionar significa contar os seus segredos mais íntimos, se abrir de maneira ao outro ver você por detrás da máscara de sociabilidade, se é que ainda existe essa máscara:

*Na Londres ou Paris do século dezoito, a sociabilidade independia da intimidade. "Estranhos que se encontravam em parques ou nas ruas, sem qualquer embaraço podiam falar uns com os outros". Eles compartilhavam um fundo comum de signos públicos, que possibilitava às pessoas de níveis desiguais conduzir uma conversação civilizada e cooperar em projetos públicos, sem ter a sensação de estar expondo seus segredos mais íntimos. (...) À medida que o mundo público passou a ser visto como um espelho do eu, as pessoas perderam a capacidade de distanciamento e, conseqüentemente, do encontro lúdico, que pressupõe certo distanciamento do eu.*⁶⁸

⁶⁷ SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 29.

⁶⁸ LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1983, p. 50-1.

Associada à característica de silenciar-se na esfera privada, abrir-se na pública para contar tudo aquilo que acontece na intimidade, e se culpar por tudo de bom e ruim que acontece à sua volta, temos, no final de todo o processo, um indivíduo não apenas individualista, preocupado com suas sessões terapêuticas, ansioso por respostas ao seu inexplicável mal-estar, mas também, e principalmente, narcisista.

A ascensão do narcisismo

Seria tentador explicar o conceito de narcisismo unicamente a partir do mito de Narciso, sobre amar o seu reflexo e, assim, dizer que narcisista é aquele que ama a si mesmo, preocupado apenas em satisfazer suas vontades e desejos, mas como bem disse Sennett:

O narcisismo, no sentido clínico, diverge da idéia popular do amor de alguém por sua própria beleza; num aspecto mais estrito e como um distúrbio de caráter, é a preocupação consigo mesmo que impede alguém de entender aquilo que é inerente ao domínio do eu e da autogratificação e aquilo que não lhe é inerente. Assim, o narcisismo é uma obsessão com “aquilo que esta pessoa, este acontecimento significam para mim”. Este questionamento sobre a relevância pessoal das outras pessoas e de atos exteriores é feita de modo tão repetitivo que uma percepção clara dessas pessoas e desses acontecimentos em si mesmos fica obscurecida. Essa introjeção no eu (...) faz com que, no momento de se atingir um objetivo, ou de se ligar a outrem, a pessoa sinta que “não é isto que eu queria”.⁶⁹

É fundamental esclarecer pontualmente o que é e não é narcisismo, porque há equívocos de interpretação até no mito fundador do tema:

Narciso afoga-se em seu próprio reflexo, sem jamais compreender que é um reflexo (...). O problema da história não é que Narciso se apaixona por si mesmo, e sim que ele não consegue reconhecer o seu próprio reflexo, que perde qualquer idéia de diferença entre ele próprio e o seu meio circundante.⁷⁰

⁶⁹ SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 21.

⁷⁰ LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Imago Ed., 1990, p. 169.

O indivíduo narcisista, como vemos, sofre de um distúrbio de personalidade, compulsivamente voltado para si, mas nada muito específico ou severamente grave para deixá-lo à parte da sociedade. Seus sintomas são perfeitamente diluídos na sua maneira de ser e agir de tal maneira branda, que não dá para dizer claramente se isso levará a um bloqueio ou surto psicológico grave o suficiente para fazer com que esse indivíduo se retire da sociabilidade para se tratar:

*O distanciamento para com os compromissos, a busca contínua de uma definição interior do “quem sou eu”, provoca dor, mas nenhum mal-estar cataclísmico. Em outras palavras, o narcisismo não cria as condições que poderiam promover sua própria destruição.*⁷¹

O diagnóstico, assim, não é dos mais simples de ser feito porque não há um sintoma específico e visível, bem-definido, mas sim “queixas vagas e mal-definidas” e não mais indivíduos com compulsões ou fobias e neuroses familiares e facilmente identificáveis do início do século XX: “você costumava ver pessoas chegando com compulsões de lavar as mãos, fobias e neuroses familiares. Agora, vê uma grande maioria de narcisistas”. (Sheldon Bach)

Mas o que há de tão especial na contemporaneidade que fez surgir um número cada vez maior de narcisistas, de modo quase a se tornar o símbolo da condição do indivíduo contemporâneo? De acordo com Lasch, são basicamente por causa de três fatores que faz da sociedade contemporânea, uma sociedade narcisista:

*Três vertentes do desenvolvimento social e cultural apresentam-se como particularmente importantes no estímulo a uma orientação narcisista da experiência: a emergência da assim chamada família igualitária; a crescente exposição da criança a outras agências socializadoras além da família; e o efeito geral da moderna cultura de massa, no sentido de romper as distinções entre ilusões e realidade.*⁷²

⁷¹ SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 22.

⁷² LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Imago Ed., 1990, p. 170.

A *família igualitária* seria a ascensão da mulher e da criança enquanto indivíduos importantes para a sociedade de consumo. Foram reivindicados a eles o direito de consumir e, no caso da mulher, de trabalhar para este propósito, diminuindo assim a importância do homem (marido e pai) no núcleo familiar. Esta desvalorização paterna que, de um lado revelava uma submissão por parte de todos os outros integrantes da família, porém, por outro lado, passava uma segurança ao núcleo familiar, por ter alguém bem específico e definido zelando por todos, não veio acompanhada de uma valorização para fortalecer “sua posição no mundo exterior”. Não vejo nem tanta necessidade de um referencial por parte da mulher, porque ela está se tornando cada vez mais independente. Uma menina na faixa etária dos dez anos é educada não para casar, ter filhos e ser subserviente ao marido, mas sim, para estudar, ter seu próprio trabalho e não depender financeiramente e nem emocionalmente de ninguém.

Porém, para a criança tal rebaixamento do *despotismo patriarcal* prejudica sua confiança na autoridade adulta por perder sua principal referência sobre o que ser no futuro, e a autoridade coloca no seu lugar (os atuais gestores da infância) pouco faz de útil para dar à criança a educação e confiança necessária para que não cheguem na fase adulta inseguros sobre quem são, o que sentem e como se comportar diante dos desafios diários de sobrevivência:

*O sistema escolar, as profissões de assistência à infância e a indústria da diversão apropriaram-se hoje de grande parte das atividades disciplinares, educativas e de custódia (...). Por um lado, reforçam a segregação social dos jovens (...) privando a criança, assim, da exposição à conversa dos adultos, à experiência prática de mundo e à participação na vida profissional da comunidade.*⁷³

Assim temos uma reprodução, de geração em geração, de indivíduos educados na infância para se tornarem portadores de angústias difusas e mal-resolvidas, de tensões muitas vezes inexplicáveis em palavras mas muito bem sentidas dia após dia:

A tentativa dos pais modernos de fazer com que os filhos se sintam amados e desejados, não disfarça uma frieza subjacente — o distanciamento dos que pouco têm a passar à geração seguinte e que, de qualquer modo, dão prioridade a seu próprio direito de

⁷³ Idem.

*auto-satisfação. A combinação de distanciamento emocional com as tentativas de convencer uma criança de sua posição de predileção na família, é uma boa prescrição para a estrutura de uma personalidade narcisista.*⁷⁴

Apenas revisando brevemente o que foi dito até aqui sobre o porquê disto. Tudo começa quando a esfera pública é desvalorizada em detrimento da vida privada, já que não é por acaso e se acontece é por causa da desvalorização da crença de que se pode fazer algo pelo social. Com essa crença no público desvalorizada, o indivíduo foca sua existência em si mesmo na tentativa de blindar ou apenas sobreviver diante das adversidades que colocam sua vida psíquica em risco. Um *eu* retraído ou *sitiado* (Lasch) não propicia ao indivíduo a vontade ou capacidade de relacionar-se, de buscar na alteridade um relacionamento forte e sólido o suficiente para se apoiar. Isso não ocorre porque quanto mais nos relacionamos com uma outra pessoa, mais confiança precisamos depositar nela e em época de difícil sobrevivência, lançar mão de um sentimento que coloca em risco exatamente a sua sobrevivência, torna-se muito mais um sonho a ser consumido do que uma idéia a ser concretizada.

Enfim, com um indivíduo superficial nas suas relações sociais, descrente no futuro dada à sua dificuldade de sobreviver sequer ao presente, acaba gerando um indivíduo anti-social, frio, sentimentalmente anestesiado, ansioso e com uma sensação de desconforto e mal-estar não identificado. Assim temos a ascensão e, por enquanto, perpetuação de um indivíduo narcisista.

E o amor? Será que os narcisistas são capazes de amar? E como encaram seus relacionamentos afetivos?

Como já disse no capítulo anterior, relacionar-se de maneira duradoura numa modernidade líquida que despreza e rejeita tal solidez, se torna complicado até para os mais saudáveis psicologicamente falando. Para os indivíduos narcisistas então, o que seria um luxo se torna uma necessidade das mais urgentes:

O simples fato de um compromisso por parte de uma pessoa parece (...) limitar as oportunidades de experiências "suficientes" para saber quem ele ou ela é e encontrar a pessoa "certa" para complementar quem ele ou ela é. Todo relacionamento sexual sob a influência do narcisismo torna-se

⁷⁴ LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1983, p. 76-7.

*menos satisfatório quanto maior for o tempo em que os parceiros estiverem juntos.*⁷⁵

A superficialidade de sua vida emocional é tamanha que ele não consegue vislumbrar outra forma de se relacionamento que não seja através da promiscuidade:

*O separatismo sexual é uma só entre muitas estratégias para controlar e fugir a fortes sentimentos. (...) A forma mais predominante de fuga à complexidade emocional é a promiscuidade: a tentativa de chegar-se a uma estrita separação entre sexo e sentimento.*⁷⁶

O que me chama atenção aqui é a similaridade entre a condição narcísica de relacionamento e a dos *ficantes*. Seria o *ficante* um narcisista em potencial? Sinônimos?

Ambos se assemelham quanto à forma de encararem um relacionamento afetivo, mas o motivo que levam ambos a adotarem tal postura pode ser dos mais diversos. Relacionar-se fortuitamente querendo conhecer sua sexualidade através e junto com o Outro, e experimentar novos relacionamentos por curiosidade é bem diferente do que não relacionar-se a longo prazo por pura incapacidade de experimentá-lo, devido ao medo de tornar-se dependente. O que para um parece opção, para o outro se mostra uma necessidade.

⁷⁵ SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 22.

⁷⁶ LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1983, p. 243.

Conclusão, ou quase

Será difícil amar na modernidade líquida? Foi esta questão que perpassou todo este trabalho, e não foi tão difícil tentar respondê-la. Mais complicado do que dizer se é ou não difícil amar atualmente, é elucidar (ou pelo menos tentar) questões que estão associadas a esta e que são imprescindíveis para o melhor entendimento deste tema, como, por exemplo, o significado do amor na contemporaneidade; a própria noção de modernidade líquida; e quem é o indivíduo que vive tudo isto. Será ele o culpado por todas as características atuais do “mundo líquido” ou apenas uma vítima (algo do tipo: “o mundo já estava assim quando eu nasci”)?

A maneira como trabalhamos; o que pensamos; o que rezamos; quais sentimentos perpassam por nossas mentes ao longo de um dia e de vários outros, nos dizem, mesmo que superficialmente, quem somos e como vivemos, mas melhor do que saber quem somos, é saber por que somos, enfim, por que vivemos assim. Melhor do que dizer o que é ou não a modernidade líquida é tentar entender os motivos que a levam a ser da maneira que é. Demonstrar o consumismo impresso nas nossas vidas contemporâneas; a satisfação do desejo pelo viés do consumo; a ambivalência do indivíduo contemporâneo que quer ser amado incondicionalmente, mas que, por outro lado, quer amar seguindo regras e condições bem frágeis e específicas; o seu mal-estar difuso e confuso, o levando a consumir livros de auto-ajuda e consultas médicas, delegando ao outro a tarefa de descobrir e responder, afinal, o que há de errado com ele; todas estas características demonstradas pelo simples prazer de demonstrar não faz sentido. É preciso buscar os motivos que levam os indivíduos a agirem de tal forma em detrimento de várias outras maneiras possíveis de viver e sentir.

Ainda há muito que ser dito nesta temática. Até mesmo o que foi trabalhado aqui pode ser aprofundado ainda mais, indefinidamente. A questão da traição, por exemplo, é um ótimo tema para pesquisa. O que significa trair na contemporaneidade? Quais os sentimentos evocados, e qual a postura do indivíduo contemporâneo quando está traindo ou sendo traído? Não é cabível simplificar questões como essas, respondendo-as com a mesma exatidão que se responde que dois mais dois são quatro. Há sempre o que dizer diante do que já foi dito, e uma interpretação não é *a* interpretação, mas apenas mais uma dentre tantas outras.

Sentimentos, sensações e ações são atos humanos, portanto, históricos. É por isso que precisam ser estudados, entendidos e verificados, porque é fruto do ser humano e tudo que advém dele pode, deve e, muitas vezes, quer ser dito. Silenciar um ato humano é silenciar nossa própria humanidade e isso é perverso, por isso a importância de trabalhar temáticas referentes à sensibilidade do indivíduo, por ser um ato humano, ou seja, histórico e que pode e deve ser trabalhado por historiadores.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus Ed., 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática Ed., 1988.
- BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CROSS, Charles R. **Mais pesado que o céu: uma biografia de Kurt Cobain**. São Paulo: Globo, 2003.
- FREUD, Sigmunt. **El malestar en la cultura**. Biblioteca Nueva, 1945.
- FROMM, Eric. **A arte de amar**. Belo Horizonte: ed. Itatiaia, 1976.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: ed. Unesp, 1993.
- GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. São Paulo: Mg Ed. Associados, 1998.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Para ler Bachelard**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Cia das Letras., 2000.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago Ed., Ltda. , 1983.
- LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo, 1990.
- LINDO, Augusto Pérez. **A era das mutações: cenários e filosofias de mudanças no mundo**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.